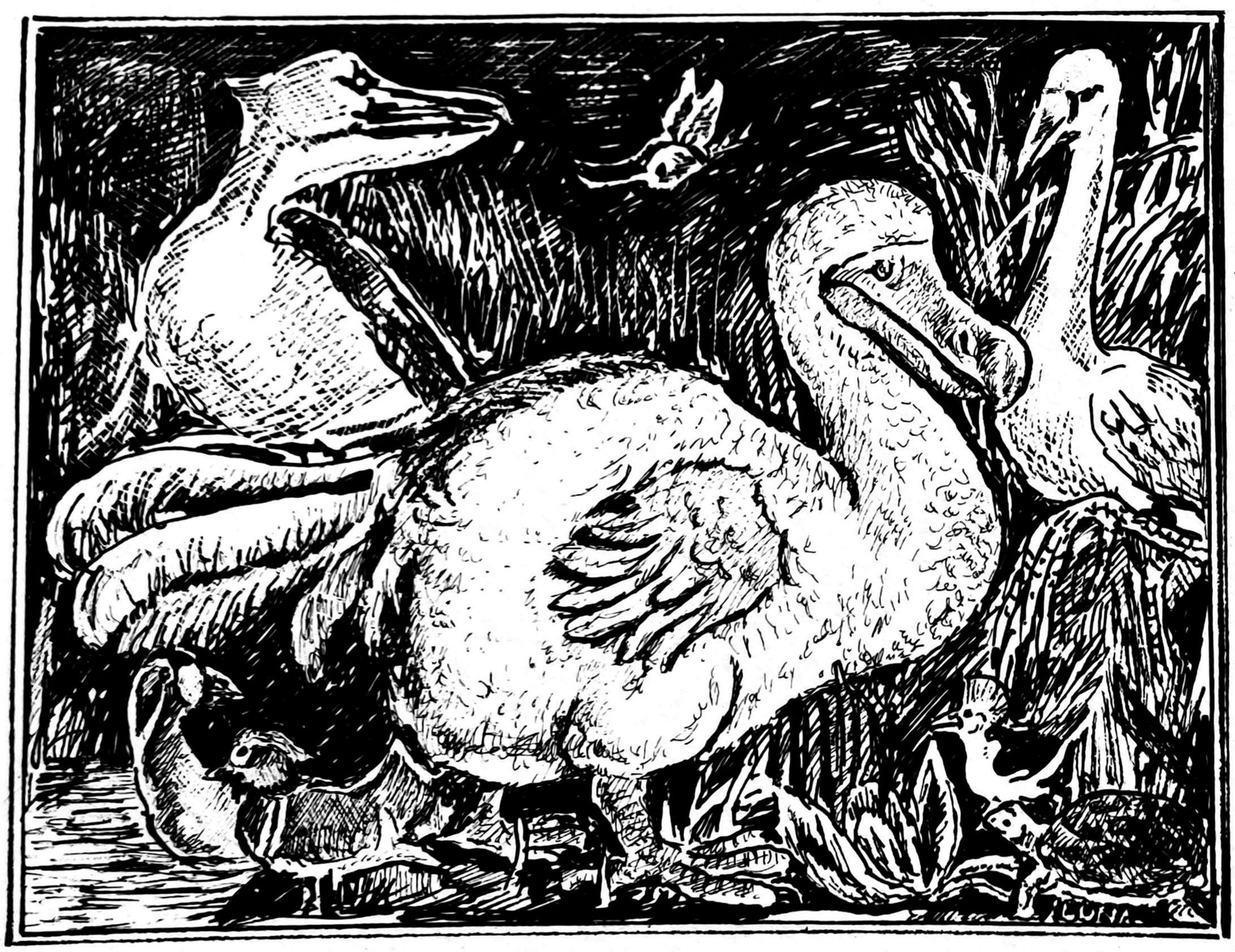
ED. LUNA DE CARVALHO

A Anónima Descoberta dos Doudos do Arquipélago de Mascarenhas por Navegadores portugueses

(Avis Columbiformes Raphidae)

COLECÇÃO «NATURA» Nova Série Volume 13



Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais

LISBOA-1989

A ANÓNIMA DESCOBERTA DOS DOUDOS DO ARQUIPÉLAGO DE MASCARENHAS POR NAVEGADORES PORTUGUESES

(Avis Columbiformes Raphidae)

por

ED. LUNA DE CARVALHO

(Instituto de Investigação Científica Tropical)

I. A DESCOBERTA DOS DOUDOS E A AUSÊNCIA DE FONTES HISTÓRICAS PORTUGUESAS

O «Doudo», nome que utilizaremos em substituição de «Dodó» (do inglês Dodo) (1), foi o indicado pelos navegadores portugueses ao descobrirem a Ilha Maurícia. Tem sido considerada a descoberta desta ilha em 1505 por PEDRO DE MASCARENHAS; no entanto há também a opinião que DIOGO FERNANDES PEREIRA a tenha encontrado em 1507, data em que este navegador descobriu a Ilha de Socotorá, próxima de Zanzibar.

---

(1) CLARA PINTO CORREIA chama-lhe «IDIOTA» dentro da mesma lógica do primitivo nome português. Nós preferimos o vocábulo «DOUDO» pois segundo informações da época da sua existência, foi esse o nome indicado, realçando a «estupidez» da ave não reagir à captura e morte.

Na edição de 1976 do Dicionário Internacional WEBSTER indica-se que DODO deriva do português (e francês!) DOUDO. CÂNDIDO DE FIGUEIREDO (1973, 14.ª edição do seu Dicionário) chama-lhe «DODÓ» («... uma espécie de cisne...) cuja raça parece extinta.») e considera o vocábulo DOIDO ou DOUDO (sem o ligar à ave em questão) como derivado «do inglês DOLD?».

Segundo FONTOURA DA COSTA (1938) a primeira citação do Arquipélago de Mascarenhas encontra-se no mapa de JORGE REINEL (1519?); no mapa de LOPO HOMEM (1519) está indicado com o nome de «Ilha de Santa Apolonia... ilha que achou DOMINGOS F(e)R(nande)Z piloto.»

DAMIÃO PERES (1943) escreveu sobre o assunto, o seguinte:

> «O topónomo MASCARENHAS deve corresponder à passagem de PEDRO MASCARENHAS, capitão de uma das naus da armada de D. GARCIA DE NORONHA, que partiu do Tejo em 1511, atingindo Moçambique em 1512; embora aquêle navio seguisse imediatamente para a Índia, como nesta viagem seria impossível visitar as ilhas, dada a grande distância a que ficavam, só à volta, em 1519 ou depois, poderia D. PEDRO DE MASCARENHAS ter efectuado o seu descobrimento. Sendo assim, a prioridade pertence ao piloto DOMINGOS FERNANDES; pois, apesar de haver notícia de existirem então dois com esse nome, o que a seu respeito se sabe permite fixar o descobrimento, quanto feito por qualquer deles, em 1511 ou 1512.»

Assim o navegador que descobriu de facto a ilha, ter-lhe-ia chamado «ILHA DOS CISNES» (ou «ilha de Cirne» segundo outros historiadores) por nela ter observado umas desconhecidas robustas aves de pescoço arqueado lembrando vagamente os cisnes, a maior ave europeia então conhecida. CLUSIUS (1605) referindo-se à expedição do almirante holandez VAN NECK que reocupou a ilha, diz que «a ilha fora já conhecida dos portugueses que lhe chamavam ILHA DO CIRNE ou ILHA DO CISNE».

O nome «DOUDO» foi sugerido pelo comportamento dessas aves que, perseguidas e mortas pelos marinheiros, não se defendiam nem fugiam apesar dos seus robustos e aguçados bicos aduncos, atitude considerada estupida mas peculiar a animais insulares sem predadores. O primeiro registo do nome «DOUDO» foi feito por MANUEL ALTHAM que em 1628 anotou: «very strange fowles called by ye portingals Do do.»

Verifica-se assim que tanto o nome primitivo da ilha como o da ave que aí abundava, se devem aos portugueses. Paradoxalmente tudo o que se conhece actualmente sobre os Rafídeos, como relatos de navegadores e viajantes e representações pictóricas, são devidas a holandezes, ingleses, franceses, árabes e ... nada foi encontrado escrito ou desenhado pelos portugueses da época!

Literatura recente portuguesa com referências a estas aves é ainda escassa e só temos conhecimento dos seguintes artigos:

1895 BALTHASAR OSORIO, «História da Sciencia-Zoologia portuguesa antiga».
19..? AUGUSTA F. GERSÃO VENTURA, «Duas pequenas notas à margem das obras de Clusius».
1938 FONTOURA DA COSTA, «As ilhas Mascarenhas (Reunião e Maurícia)».
1943 DAMIÃO PERES, «IV. Os principais arquipélagos do Índico Meridional».
1987 CLARA PINTO CORREIA «O Idiota».
1988 CLARA PINTO CORREIA «O Idiota».

Estamos esperançados que, com uma meticulosa investigação de documentos inéditos em nossos Arquivos histó-

ricos, poder-se-há ter a agradável surpresa de se ver preenchida esta lacuna dos DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES.

Como acima dissémos, desconhece-se ainda o registo original do nome «DOUDO» dado pelos portugueses a estas aves insulares. Ela foi ao longo dos tempos denominada pelos seguintes nomes:

WALCHVOGHEL, OISEAU DE NAUSÉE, WALCHSTOCKEN (1601), TOTEST (1613), DODEERS (1626), DO DO (1628), DOTTAERSSEN (1631), DODAR, DODO (1634), DRONTE (1648), OISEAU DE NAZARETH (1651), MONK-SWAN (1688), CYGNE, COQ ÉTRANGER (1767), DINDE SAUVAGE DE MADAGASCAR (1768), AUTRUCHE ENCAPUCHONNÉ (1722), TÖLPEL (1773), NAZARENE DODO (1785), DUDU (1791), DONDOU (1803), DODE (1871), STRUISKASUARIS, BASTERDSTRUIS (1884), etc.

Os nomes científicos foram os seguintes: *Gallus gallinaceus peregrinus* CLUSIUS, 1605, *Cygnus cucullatus* NIEREMBERG, 1635, *Struthio cucullatus* LINEU, 1758, *Raphus cucullatus* BRISSON, 1760, *Didus ineptus* LINEU, 1766, *Didus nazarenus* LINEU, 1766, e possivelmente *Ornithoptera solitaria* SELLYS-LONGCHAMP (1).

É o tipo de uma família *(Raphidae)* exclusiva de Mascarenhas e composta pelos géneros *Raphus*, *Pezophaps* e talvez *Victoriornis*.

De 1505 a 1681 os Doudos foram exterminados sem terem sido devidamente observados quer anatomicamente quer nos seus costumes. As instruções sugeridas por BUF-

(1) O binónimo actualmente em uso é *Raphus cucullatus*.

FON (1821) para melhor se conhecerem estas aves, vieram com um atrazo de século e meio:

> «Il seroit donc à désirer que les voyageurs, et surtout les naturalistes, qui se trouverons à portée, examinassent ces trois oiseaux, et qu'ils en fissent une description exacte, qui porteroi principalment; Sur la forme de la tête et du bec; Sur la qualité des plumes; Sur la forme et les dimensions des pieds; Sur le nombre des doigts; Sur les différences qui se trouvent entre le mâle et la femelle; Entre les poussins et les adultes; Sur la façon de marcher et de courir; En ajoutant, autant qu'il possible, ce qui l'ont sait dans le pays sur leur génération, c'est-à-dire sur la manière de se rappeler, de s'accoupler, de faire leur nid et de couver; Sur le nombre, la forme, la couleur, le poids et le volume de leurs oeufs; Sur le temps d'incubation; Sur la manière d'élever leurs petits; Sur la façon dont ils se nourrissent eux-mêmes; Enfin sur la forme et les dimensions de leur estomac, de leurs intestins et de leurs parties sexuelles.»

O Doudo encontra-se actualmente representado em Museus (fig. 1) por alguns esqueletos mais ou menos completos (fig. 1d), raros crâneos (fig. 1c), duas patas mumificadas (fig. 1b), uma só cabeça em mau estado de conservação (fig. 1a) e alguns ossos dispersos. Num museu sul-africano encontra-se um ovo que foi durante muito tempo considerado como de Doudo mas que actualmente se duvida ser desta ave. Alguns desenhos e pinturas (figs. 2 a 5) e descripções feitas por viajantes é tudo o que resta desta curiosa ave

que há mais de um século passou ao total esquecimento dos insulares quer na tradição quer em topónimos da ilha.

Uma gravura de 1648, de WEST-ZANNEN, representando uma ingénua cena de caça a Doudos e Papagaios nativos, tem como legenda os seguintes versos:

«Caça de penas são as provisões que encontramos»
«Além de palmeiras Doudos de ancas arredondadas»
«E Papagaios que facilmente apanhamos»
«Chamando quem partilhe nestas caçadas.»

O último relato conhecido da presença do Doudo na Ilha Maurícia deve-se a BEJAMIN HARREY, que em 1681, escreveu o seguinte: «Os Dodos têm a carne muito coriácea». Doze anos depois LEGUAT já os não encontrou mas descobriu na Ilha Reunião, deixando boas descripções e o único desenho conhecido, um outro Rafídeo — o *Pezophaps solitarius.*

A excelente monografia de STRICKLAND & MELVILLE (1848) quase ressuscitou o Doudo e contribuiu para o popularizar como símbolo da velhice na obra-prima literária «Alice no País das Maravilhas» de CHARLES DODGSON (=LEWIS CARROL), professor de matemática da Universidade de Oxford — Instituição Científica que se orgulha de ser a depositária da única cabeça mumificada de Doudo (fig. 1 a) pois graças ao espírito metódico do conservador de então, o único exemplar empalhado existente na Europa foi em 1755 queimado pelo seu mau estado de conservação, tendo-se mantido a cabeça e uma pata na colecção por estar inventariado no museu.

Em 1896 BELOC descreveu poeticamente o Doudo na

sua obra «Bald child's Book of Beasts» com o seguinte poema:

«O Doudo costumava passear»
«P'ra tomar o sol e o ar!»
«O sol inda sua pátria aquece»
«Mas o Doudo já não aparece-»

«A voz usada em seus piados»
«Para sempre emudeceu!»
«Ossos e bico são contemplados»
«Por vós creanças, no Museu!»

II. CONSIDERAÇÕES SOBRE A ICONOGRAFIA DOS DOUDOS

A — Desenho a carvão de ROELANDT SAVERY (fig. 2a), duvidosamente datado de 1599, e que representa três exemplares que passaram a ser copiados com algumas alterações em desenhos e pinturas de vários autores As figs. 2 b, c, d, e foram baseadas no exemplar da esquerda, e 2 f, g, h no da direita. OUDEMANS considerou erradamente as figuras de SALOMON SAVERY (quadro perdido mas reproduzido por HARTLAUB), em 1626 (fig. 2e), as várias edições de PLíNIO SECUNDO (figs. 2b, c, d) e JAN GOEIMARE (fig. 2 f), como representando o Doudo branco da Reunião (*Victoriornis imperator* HACHISSUKA). É de notar que as sombras transversais feitas com grande precisão artística no desenho de 1599 (fig. 2a, lado direito) sofreram fantásticas alterações na figura de SAFFLEVEN (fig. 2 g) vindo a transformar-se em quatro estrias paralelas na figura de GOEIMARE (fig. 2 f). No desenho de RUTHARDT (fig. 2 h) o olho ficou colocado no bico e no local onde ele deveria estar apareceu um ouvido!

B — Desenho de DE BRY do diário de VAN NECK, muito simplificado (fig. 2 k) com uma ligeira modificação

da cabeça deu o desenho de THOMAS HERBERT (fig. 2 l) e com a imagem invertida e o bico um pouco aberto, CLUSIUS fez o seu desenho (fig. 2 m) de 1605. Em 1657 JOHAN WALTHER (fig. 2 n) modificando um pouco mais a figura que lhe serviu de base, transformou-o com o alongamento dos tarsos e a diminuição do comprimento do bico num desenho que serviu de tipo a um «novo» Rafídeo: *Ornitoptera solitaria* (SELYS-LONGCHAMPS) segundo a opinião de HACHISSUKA (1953).

C — Quadro a óleo de C. HOEFNAGEL datado aproximadamente de 1600 (fig. 2 i), uma das mais antigas representações conhecidas. Consideramos que o modelo utilizado para este quadro foi um exemplar mal empalhado, talvez trazido por VAN NECK. Note-se o desiquilíbrio do corpo, a asa mal colocada em posição não natural num animal vivo e o corpo muito adelgaçado. Se tivessem enchido melhor a pele, o corpo tornar-se-ia mais robusto e teríamos uma clássica representação do Doudo como sugerimos na fig. 2 j. Pensamos portanto que a pintura de HOEFNAGEL (fig.2 i) deveria ter servido como modelo das gravuras acima indicadas na alínea B (figs. 2 k, l, m, n, o).

D — Exemplar de PIETER VAN DEN BROECKE gravado em 1646 (fig. 3 f). Este desenho foi considerado como mal executado ou tendo como modelo um exemplar de bico mutilado. Nós somos de opinião que se trata dum desenho correcto representando um Doudo muito jóvem. Foi baseado nesta hipótese que o apresentámos no nosso quadro a óleo reproduzido aqui à pena na fig. 5 (lado direito).

E — Quadro de ROELANDT SAVERY de 1626 (fig. 4 a). Tem sido a figura mais copiada e modificada por vários artistas, como JACOB BONTIUS (representado na fig. 4 e em imagem invertida) na sua obra de 1658.

A alegoria gravada no frontespício da obra de PISON, 1658 (fig. 4 f) que consideramos como «O DOUDO DE PISON», registando-a assim na lista iconográfica destas aves. Tomámos conhecimento dela pelo trabalho de JAYME WALTER (est. XXIV) do número especial do 4.º Centenário da publicação do «Colóquio dos Simples» de GARCIA DE HORTA, 1963. Nesta alegoria (de que reproduzimos apenas um fragmento) o Doudo encontra-se num plano a seguir a um Rinoceronte indiano com o famoso e irreal «corno de DÜRER», certamente baseado na célebre gravura de 1515. Alguns outros quadros do séc. XVII (data não fixada) e de 1688, também de SAVERY (fig. 4 b, d) tiveram igualmente por base o painel de 1626. O Doudo representado por NIENHOF (fig. 4 c) em 1682, também se baseia no mesmo quadro. Já no séc. XVIII COLLINS (1736) modificou o desenho alongando a região anal e reduzindo o tufo de penas caudais (fig. 4 h). Em data não conhecida ART SCHUMAN (fig. 4 i) utilizou o mesmo modelo modificando-lhe as penas das asas e da cauda. No séc. XIX, GMELIN (1809), fig. 4 j, e em 1865 CARROL (baseando-se este último na publicação da monografia de STRICKLAND & MELVILLE) apresentou como uma das personagens zoomórficas das aventuras de Alice, o Doudo figurado por TENNIEL que se inspirou no quadro de SAVERY. Ainda em 1688 a mesma pintura de SAVERY foi modificada por RANDLE HOLME (fig. 4 g) dando-lhe um estilo heráldico para o brazão da família DRONTE — um dos sinónimos do Doudo usado pelos saxónicos.

Uma cópia do quadro de R. SAVERY (que é conhecido pelo «Dodo de G. EDWARDS»), pertencente a STRICKLAND e actualmente na colecção HATCHISSUKA que a reproduziu a cores em frontespício da sua monografia sobre as aves extintas de Mascarenhas), difere do quadro do Museu

Britânico (fig. 4 a) por ter o bico menos entreaberto e a região entre a base do pescoço e a asa sem a plumagem escura. O *Aphanapteryx* (ave com um sapo no bico, à direita no quadro) mostra o pescoço regularmente abaixado em vez de quase horizontal.

F — Desenho de 1626 de ADRIAN VAN DE VENNE (fig. 3 d), ou do quadro de HONDERKOEFTER (fig. 8 c), feito certamente dum modelo vivo. Como se presume serem da mesma data, torna-se difícil saber qual o original, no entanto parece-nos que se deve considerar o quadro como original pois a gravura representa o ápice do bico menos real.

G — Exemplar do quadro «Paisagem com aves» de ROELANDT SAVERY, 1681 (fig. 3 g). O modelo deveria ter sido também uma ave viva, pois mostra um exemplar bem diferente, até na cor (dimorfismo sexual?) da dos outros quadros ou desenhos do mesmo autor.

H — Ainda de ROELANDT SAVERY e datado de 1626, temos um outro Doudo (fig. 3 a) com o bico, asas e cauda completamente distintos dos padrões conhecidos. Talvez tivesse tido como modelo um exemplar melhor preparado do que o que supomos ter sido utilizado por HOEFNAGEL (fig. 2 i).

I — Pintado em estilo oriental, e certamente mostrando um exemplar em captiveiro de qualquer grande senhor da Pérsia ou Índia, é a representação dum Doudo (fig. 3 e) sem cauda, que se julga ser atribuído a USTAD MANSUR (séc. XVI).

*

Como curiosa coincidência apresentamos na fig. 5 f, as duas faces de uma pequena escultura em marfim de elefante, feita sem dúvida por um nativo angolano; com-

prámo-la em Luanda há já alguns anos, onde se encontrava com outras esculturas de aves que não adquirimos. Julgamos tratar-se dum abutre mas a sua semelhança com um Doudo é bastante acentuada pois até na face direita a asa, por lapso, foi incompletamente sulcada dando-lhe o aspecto das do tipo atrofiado do Doudo. A forma atarracada do corpo «de ancas arredondadas» como se indica nos versos de WEST-ZANNEN acima traduzidos, ainda mais o torna semelhante.

Regeitamos a hipótese do escultor nativo ter feito esta peça por encomenda dum conhecedor dos extintos Doudos, se tal tivesse sido, não seria lógico encontrar-se à venda na cidade de Luanda juntamente com outras peças do artesanato angolano.

Esta escultura serve como um bom exemplo de conclusões erradas de peças ou desenhos cuja antiguidade ou origem não se conheça! Aliás até agora ainda não se descobriu qualquer escultura de extintas aves de Mascarenhas que podem ser feitas na época em que o Doudo «costumava passear p'ra tomar o sol e o ar».

III. SOBRE A ICONOGRAFIA DO DOUDO BRANCO DA REUNIÃO (fig. 5 a-e)

Excluindo as figuras da época do *Raphus* da Maurícia que foram erradamente consideradas como representando o «Doudo branco», apenas se conhecem cinco representações desta possivelmente enigmática ave, todas contemporâneas e que devem ser consideradas como cópias da mais antiga. Uma das aguarelas de PIETER HOLSTEIN (fig. 5 a), que viveu de 1580 a 1662, deveria ter sido desenhada dum modelo (vivo ou preparado) aproximadamente em 1638 e, de que se conhecem talvez com a mesma data de execução, três cópias pouco diferenciadas. As aguarelas de PIETER WITHOOS em que a ave é representada junto com um palmípede (fig. 5 d) ou mais outras aves (fig. 5 e), foram feitas por volta de 1684. Desconhece-se qualquer fragmento de exemplares e as suas descrições são bastantes vagas («uma grande ave, maior que um perú, muito gorda, e com asas tão pequenas que não pode voar, é branca e bastante mansa» J. TATTON, 1613 e «há alguns Dodeersen com as asas pequenas mas incapazes de voar, são tão gordas que marcham com dificuldade deslocando-se a deslizar o seu ventre pelo solo» 1646, segundo um anónimo viajante

holandez). ROTHSCHILD possuia no seu museu, em Tring, um modelo em tamanho natural (fig. 1f) da reconstituição deste Rafídeo e HACHISSUKA chegou a considerá-lo como tipo dum género peculiar a que deu o nome de *Victoriornis* tendo como tipo a única espécie *imperialis* (fig. 6, infra) substituindo com esse nome os de *Didus bourbonicus* ou *Raphus solitarius* de outros autores.

IV. O BAIXO-RELEVO DUM DOUDO SEGUNDO OUDEMANS (figs. 4 k, l, m)

OUDEMANS encontrou num velho edifício, conhecido pela «casa da avestruz», em Veere, na Bélgica, um baixo-relevo datado de 1561 representando uma ave que considerou ser um Doudo, com a seguinte legenda «IN DEN STRUYS» (fig. 4 l). Mais tarde HACHISUKA achou que não seria um Doudo mas sim o Rafídeo *Ornitoptera solitaria*. Comparando as figuras desse baixo-relevo com a gravura de uma avestruz, da obra de KONRAD GESNER (1551), verificámos, ao contrário das considerações de WILLY LEY (152), tratar-se de, como a legenda e a tradição indicam, uma verdadeira avestruz. Note-se os pequenos círculos indicando os ouvidos, olhos e narinas na gravura de GESNER, que se podem ver também no baixo-relevo; as patas e caudas pouco diferem da gravura. Apoiando esta interpretação temos um quadro feito com penas de várias aves europeias (fig. 4 m) de uma «caça ao Doudo» do livro de penas de DIONISIO MINNAGIO de 1618, actualmente na biblioteca de Universidade de Mac Gill, em Montreal. Tudo indica tratar-se de uma cena de caça até pelo aspecto

do cavaleiro, representando talvez um mouro, e nada se encontra indicado nessa obra como sendo passada no Arquipélago de Mascarenhas, parecendo-nos também estranho que se caçassem tais aves a cavalo!

BIBLIOGRAFIA

1967 «Les premiers livres des oiseaux» *ZOO, Revue de la Soc. Roy. Zool., Anvers,* 33, 1, V, pp. 45-49.

BERLIOZ, Jacques

1946 «Oiseaux de la Réunion», *Faune de l'Empire Français,* IV, pp. 7-8, 1 fig.

BOUBIER, Maurice

1927 «As Aves» *Encyclopedia pela imagem* (tradução de Carlos de Passos), Lello & Irmão, Lisboa, p. 58.

BURTON, Maurice

1953 «The Story of Animal Life» *Elsevier,* pp. 68-69 e 491.

1954 «Curiosités de la Vie Animale» *Bibli. Scient.,* Payot, pp. 225-226.

BUFFON

1858 «Oiseaux» *Oeuvres completes de Buffon avec des extraits de Daubenton et la classification de Cuvier,* 5, 1, pp. 129--133.

CABRERA, W. T.

1947 «Las Aves» *Historia Natural, Vida de los Animales, de la plantas y de la Tierra,* 1, 3.ª ed. Inst. Galach, pp. 286-288.

CALMAN, W. T.

1957 «XX. Animales extinguidos recientemente o en vias do su completa extinción» *Maravillas de la Vida Animal,* LABOR S. A., III, p. 235.

CARROLL, Lewis
1971 «Aventuras de Alice no País das Maravilhas» Ilustrações de John Tenniel. *Afrodite,* Lisboa, pp. 1-276.

CORREIA, Clara Pinto
1987 «O Idiota» *O Jornal,* 632, 3-9. IV. 1987.
1988 «Histórias Naturais», *Colecção Várias Seduções,* «O Jornal», pp. 21-25.

COSTA, Fontoura da
1936 «As Ilhas Mascarenhas (Reunião e Maurícia)» *Boletim da Sociedade de Geografia,* 56, pp. 469-471.

DAY, David
1981 «The Doomsday Book of Animals — A unique History of Vanished Species» *Ebury Press,* London, pp. 26-31.

EDITORIAL D'AMI
1970 «Animais em perigo» *Abril Cultural,* pp. 61-62.

FRIEDMANN, Herbert
1956 «New Light on the Dodo and its Illustrators» *Annual Report Smithsonian Institution,* pp. 475-481, 5 ests.

GMELIN, Fried
1793 «Caroli A. Linné... Systema Naturae per Regna Tria Naturae» III, Coimbra, pp. 151-152.

GORDON, Bernard L.
1956 «There Really was a Dodo» *Frontiers, Acad. Nat. Sc. Philadelphia,* 21, 1, X. 1956, pp. 5-9, figs.

GREENWAY JR., Jales C.
1958 «Extinct and vanishing birds of the world» *Special Publ.* 13. *Ann. Committee for International Wildlife Protection,* pp. 1-86.

HACHISUKA, Masaudji
1953 «The Dodo and Kindred Birds or the Extinct birds of the Mascarene Islands» *H. F. & G. Witherby Ltd.,* London, pp. 1-250, 25 estampas.

HALLIDAY, Tim
1978 «Vanishing Birds. Their Natural History and Conservation» *Penguin Books,* 1980, pp. 1-296, figs.

HILL, Robin
1966 «La faune des îles Maurice ne doit pas disparaître» *Le Monde Animale,* 26.VII. 1966, pp. 131-136, figs.

ILLUSTRATED LOND NEWS, The
1937 «The White Dodo» (30.I.1937).
1954 «A Seventeenth-Century feathered 'Parlament' introducing a Dodo possibly painted from Life —Landscape of Birds— by Roelandt Savery (1576-1639)» 2.I.1954, Suppl. e p. 6.

JNNES, Henry
18 .. «Goldsmith's Natural History...» *John Leflts,* London, Chap. VII, The Dodo, pp. 28-30 (edição sem data, póstuma e aumentada, da obra de GOLDSMITH, 1801 «Animated Nature».

IWANOW, A.
1958 «An Indian picture of the Dodo» *J. Ornith.,* 99, pp. 438-440.

KEYNES, Quentin
1950 «Mauritius, Island of the Dodo» *The National Geographic Magazine,* CIX, I, 1955, pp. 77-104.

LEY, Willy
1952 «The Lungfish, The Dodo, & the Unicorn — An Excursion into Romantic Zoology» *The Viking Press,* pp. 229-236, figs.

LÜTTSCHWAGER, Johannes
±1958 «Die Drontevögel» *Die Neue Brehm-Bücherei,* pp. 1-60, figs.
1961 «Zur Systematischen Stellung der Ausgestorbenen Drontevögel, Raphus und Pazophaps» *Zool. Anz.,* 162, pp. 127-148.
1966 «Sagenumwobene Drontevögel» *Vogel Kosmos,* 12, XII. 1966, pp. 320-324, 8 figs.

LYDEKKER, R.
19 .. «Fauna of Mascarene, Comoro, and Seychelle Islands» *Wild-Life of the World. A descriptive survey of the Geographical distribution of Animals,* III, pp. 202-204.

NEWTON, Alfred
1907 «Dodo» *Encyclopaedia Britannica,* 11.ª ed., p. 370, 3 figs.

OSORIO, Balthazar
1895 «História da Sciência» *Revista de Sciencias Naturaes e Sociais,* III, pp. 97-116.

OUDEMANS, A. C.
1917 «Dodo-Studien Naar aanleiding van de vondst van een gevelsteen met Dodo-beeld van 1561 to Vere». *Ver. Konink. Akad. Wetensch. Amsterdam,* XIX, 4, pp. 1-140, est. I-XV, figs.

PERES, Damião
1943 «IV. Os principais arquipélagos do Índico Meridional» *História dos Descobrimentos portugueses*, Portucalense Editora S. A., Porto, pp. 472-474.

PYCRAFT, W. P.
1937 «The fascinating Story of the Dodo» *The Illustrated London News*, 3, IV. 1937, p. 570, figs. 1-3.

ROTHSCHILD, Lord
1919 «On one of the four original pictures from life of the Reunion or White Dodo» *Ibis*, pp. 78-79, 1 fig.

SCHUTTLESWORTH, Dorothy
1968 «Dodos and Dinosaurs» *Baily Brother & Swinfen Ltd.*, Folkstone, pp. 11-18, 4 figs.

SILFVERBERG, Robert
1967 «The Dodo, The Auk and the Oryx — Vanished and Vanishing Creatures (Illustrated by Jacques Hnizowsky)» *Puffin Books*, pp. 29-47, 2 figs.

SPARKS, John
1973 «Animais em perigo» *PRISMA, o conhecimento em cores*, 33, pp. 1-157, figs.

STREET, Philip
1961 «The Problem of Fauna Preservation» *Vanishing Animals, Preserving Nature's Rarities*, pp. 18-19.

STRESEMAN, Erwin
1958 «Wie hat die Dront (Raphus cucullatus L.) ausgesehen?» *J. Ornith.*, pp. 441-459, figs. 1-9.

STRICKLAND, H. E. & MELVILLE, A. G.
1848 «The Dodo and its Kindred; or the History, affinities, and osteology of the Dodo, Solitaire and other extinct birds of the islands Mauritius», Rodriguez and Bourbon *London*, pp. 1-141, ests. I-XV, figs.

SWINTON, W. E.
19 . . «Fossil Birds» *British Museum (N. Hist.)*, pp. 1-65, figs. 1-25, ests. 1-2.

THOMSON, A. Landsborough
1967 «A new Dictionary of Birds», pp. 214-215.

TISSANDIER, Gaston
1875 «Les fossiles dans les temps historiques» *Les fossiles, Bibliotheque des Merveilles,* Hachette, pp. 259-267, fig.
VENTURA, Augusta F. Gersão
1946 «Duas pequenas notas à margem das obras de Clusius» *Revista Liceus de Portugal,* n.º 14.
WALTER, Jayme
1963 «Bibliografia principal» *GARCIA DE ORTA,* 11, n.º 4. Número comemorativo do quarto centenário da publicação do «Colóquio dos simples», pp. 857-875, ests. 1-24.
WALTERS, Michael
1981 «The complete BIRDS of the WORLD. Illustrated Edition» *David & Charles, Newton Abbot,* London, p.61.
WENDT, Herbert
1959 «Ils n'étaient pas dans l'Arche» *Denöel,* Paris, pp. 140-145, 1 fig.
WILDLIFE PRESERVATION TRUST
198.. «The Dodo is dead ... exterminated by mankind» *Jersey Wildlife Preservation Trust.*
WOOD, Casey A.
1927 «Two hitherto Unpublished Pictures of the Mauritius Dodo» *Ibis,* pp. 724-732, 2 figs.

LEGENDA DAS FIGURAS

Fig. 1 — O QUE RESTA ACTUALMENTE DOS DOUDOS: Cabeça mais ou menos completa (a), pedaço de pele da cabeça e duas patas (b) nos Museus de Oxford, Londres e Praga. Vários esqueletos quase completos (d), alguns crâneos (c) e restos osteológicos provenientes de escavações em Mare-aux-Songes, depositados em vários Museus. Várias reconstituições em tamanho natural encontram-se no Museu Americano de História Natural (e), Museu Rothschild, Tring (f. 1), Museu Britânico (h) Museu de Port Louis, na Maurícia (g) e Museu de Milão (j). No Museu de Durban encontra-se um ovo que durante muito tempo foi considerado como sendo do Doudo mas actualmente essa identificação é posta em dúvida. Existem actualmente ainda na Ilha Maurícia uma dezena de árvores *(Calvaria major)*, sob rigorosa protecção, que é conhecida como «Árvore dos Drontes» pois diz-se que as sementes só germinavam depois de partidas pelo bico destas aves, simbiose actualmente posta em causa (k).

Fig. 2 — GRANDE PARTE DOS DESENHOS E PINTURAS CONTEMPORÂNEAS SÃO CÓPIAS, MAIS OU MENOS ALTERADAS, DE FIGURAS MAIS ANTIGAS. Os desenhos e pinturas tendo como modelos exemplares vivos ou naturalizados (a) foram executados no século XVII. As modificações feitas por outros artistas chegaram a ser utilizadas como provas da existência de outras espécies de Rafídeos (b, c, d, n, o). Outras reproduções foram posteriormente consideradas como sendo do «Doudo branco» (b, c, d, e, f). Em

nossa opinião, tendo por base a pintura dum exemplar mal preparado (i, corrigido por nós em j), o «tipo obeso» transformou-se em «esbelto» (k, m, n) servindo de prova para a existência do *Ornitoptera solitaria.*

Fig. 3 — ALGUMAS REPRESENTAÇÕES ICONOGRÁFICAS DO DOUDO DA MAURÍCIA. Devem ser considerados como exemplares imaturos a gravura de VAN DEN BROECKE (f) e a miniatura de USTAD MANSUR (e). A primeira representa certamente um borracho (ver também o desenho superior da fig. 6) com a cabeça e patas mais robustas que no adulto, a fig. 3 e deve corresponder a um «frango» ainda com a penugem característica dos pintos ou borrachos. O desenho a tinta-da-China de VAN VENNE (d) é certamente uma cópia do quadro a óleo de HONDECOETER (o).

Fig. 4 — CÓPIAS DO DOUDO DA MAURÍCIA ATÉ AO COMEÇO DO SÉC. XIX. As figuras b, i são representações do quadro a óleo de ROELANDT SAVERY, conhecido pelo «Dodo de G. Edwards» (a) fazendo parte das colecções do Museu Britânico. A fig. g de RANDLE HOME, em estilo heráldico, pertence a um brazão de uma família holandeza. As figs. a, e, foram reproduzidas neste trabalho em «imagem invertida» para melhor comparação com a fig. a. As figs. 4 k, l, m, mostram como a partir de uma figura de avestruz se «creou» uma ave que consideramos inexistente *(Ornitoptera solitaria).* A avestruz de GESNER (k) com as típicas penas das asas cobrindo quase todo o corpo e pescoço, foi transformada num «solitário». Note-se bem a orelha, olho e narina do desenho de GESNER utilizado no mesmo estilo no baixo-relevo (l). Outra figura erradamente atribuída ao «solitário» representa uma caça a cavalo (m), incompreensível no Arquipélago de Mascarenhas, mas que deve ser considerada como uma genuína caça às avestruzes no norte de África.

Fig. 5 — TERIA EXISTIDO UMA ESPÉCIE BRANCA DE DOUDO? O conjunto aqui representado das únicas figuras conhecidas do «Dronte branco» *(Didus bourbonicus* ou *Victorornis imperialis),* espécie insuficientemente anotada e apenas representada por um desenho a cores do Museu Britânico (a), não nos parece poder ser

considerada uma espécie válida de que aliás não se conhece qualquer peça osteológica ou outra prova concreta da sua existência.

A ave esculpida em marfim por um artista indígena de Angola (fig. 5 f) poderia ser considerada como representando um Doudo, se se desconhecesse a sua proveniência. Trata-se certamente dum Abutre (colecção do autor). As armas da República da Maurícia (G) fizeram reviver o esquecido Doudo, há muito representado em vários selos da ilha.

Fig. 6 — Reproduções de quadros a óleos de reconstituições nossas.

Em cima: Grupo de Doudos com um jóvem (este baseado na figura de VAN DEN BROECKE, 1646, fig. 3 f).

Em baixo: o «DOUDO BRANCO». Quadro feito no mesmo estilo do óleo de ROELANDT SAVERY (fig. 4 a).

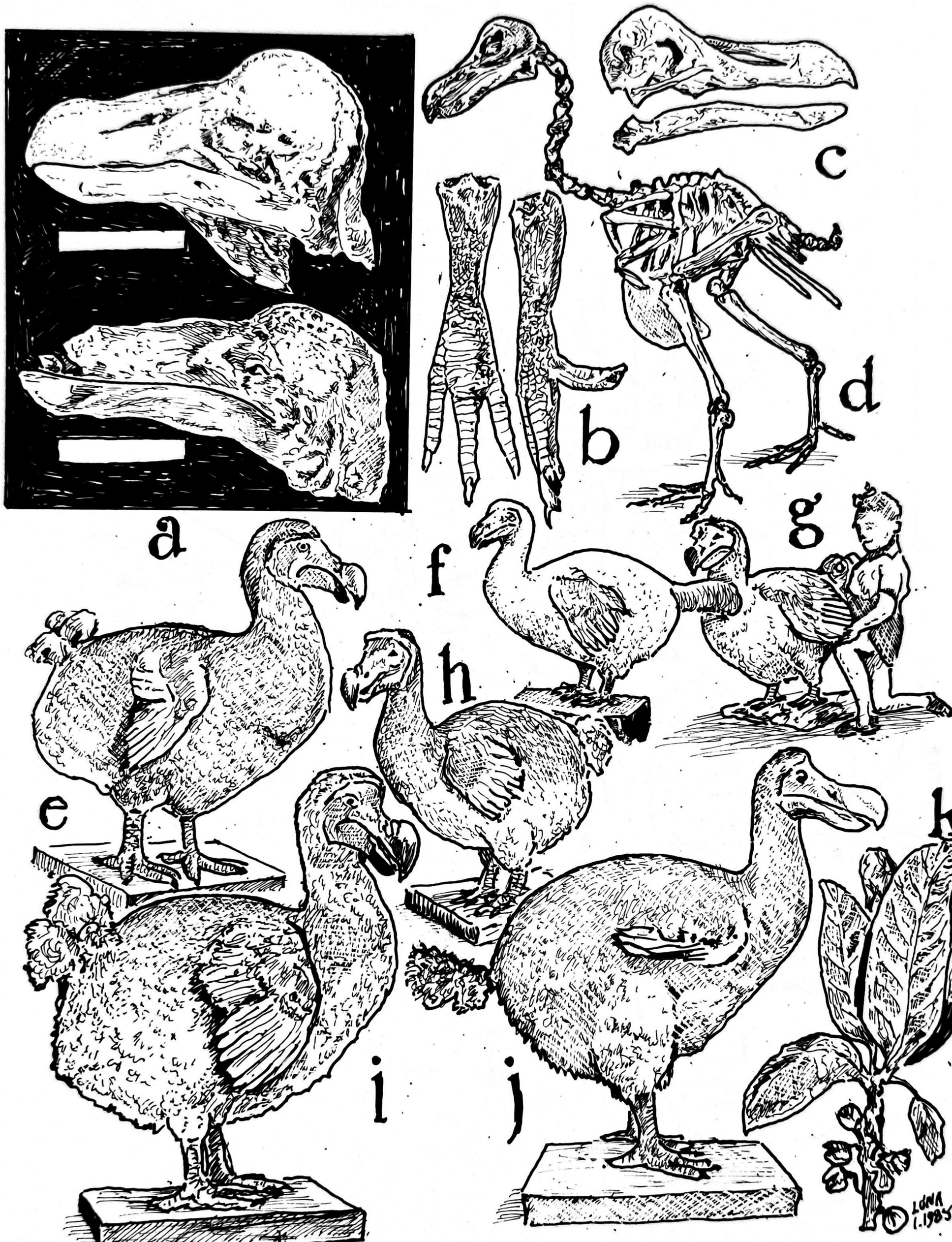


FIG. 1

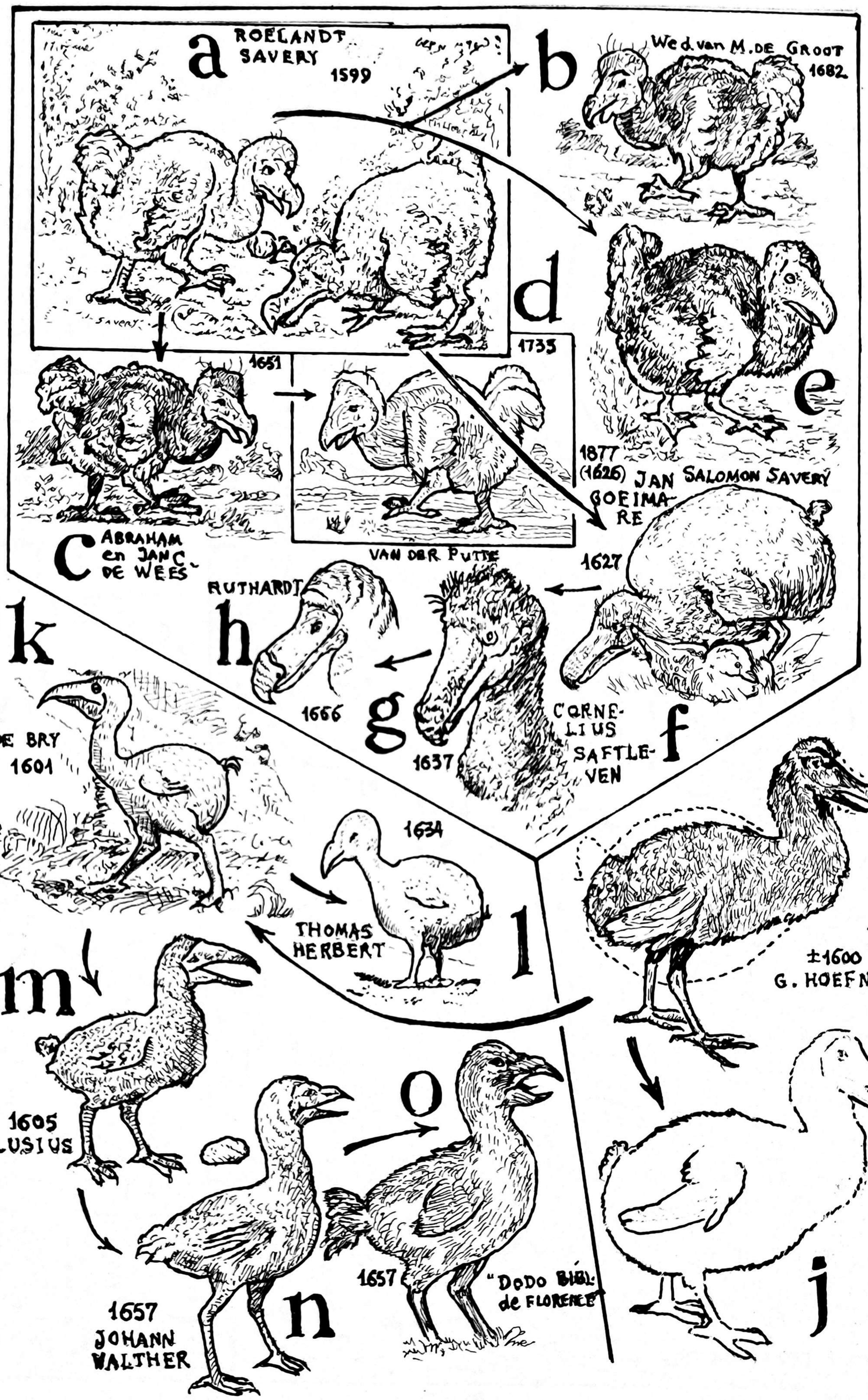

a
ROELANDT SAVERY
1599
b
Wed. van M. DE GROOT
1682
c
1651
ABRAHAM en JAN C. DE WEES
1735
VAN DER PUTTE
d
e
1877
(1626)
JAN SALOMON SAVERY
GOEIMA-RE
f
1627
g
1637
CORNE-LIUS SAFTLE-VEN
h
RUTHARDT
1666
k
DE BRY
1601
l
1634
THOMAS HERBERT
i
±1600
G. HOEFNAGEL
m
1605
CLUSIUS
n
1657
JOHANN WALTHER
o
1657
"DoDo BIBL. de FLORENCE
j

FIG. 2

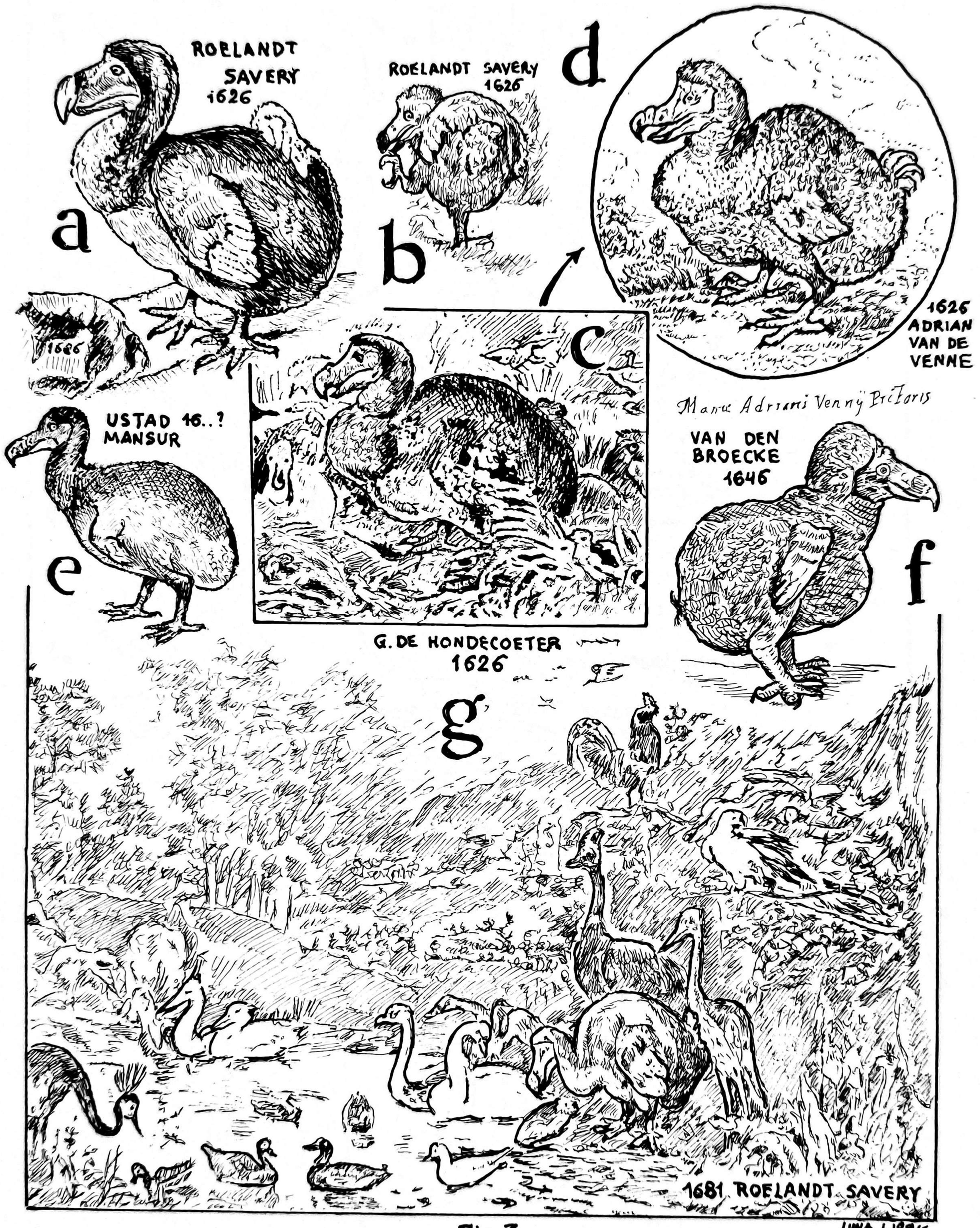
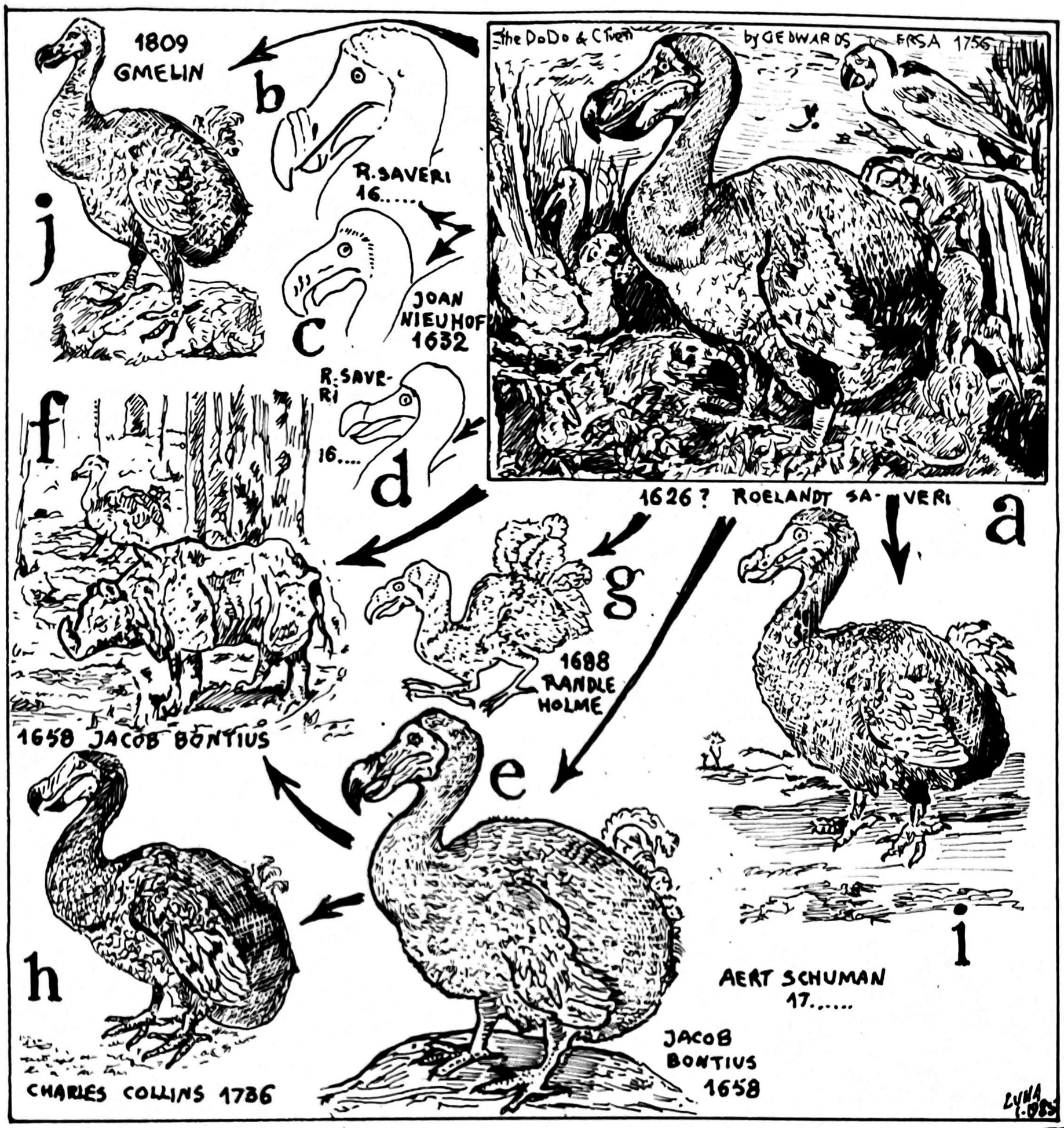

ROELANDT SAVERY 1626
a
1626
ROELANDT SAVERY 1626
b
d
1626 ADRIAN VAN DE VENNE
c
USTAD 16..? MANSUR
e
Marcus Adriaans Vennÿ Pictoris
VAN DEN BROECKE 1646
f
G. DE HONDECOETER 1626
g
1681 ROELANDT SAVERY
LUNA I. 1984

Fig. 3


1809
GMELIN
j
b
R.SAVERI
16.....
c
JOAN
NIEUHOF
1632
R.SAVE-
RI
16....
d
the DoDo & CTwen
by GEDWARDS
FRSA 1756
1626? ROELANDT SA- VERI
a
f
1658 JACOB BONTIUS
g
1688
RANDLE
HOLME
e
h
i
AERT SCHUMAN
17.....
1
CHARLES COLLINS 1786
JACOB
BONTIUS
1658
LYNA
1.08

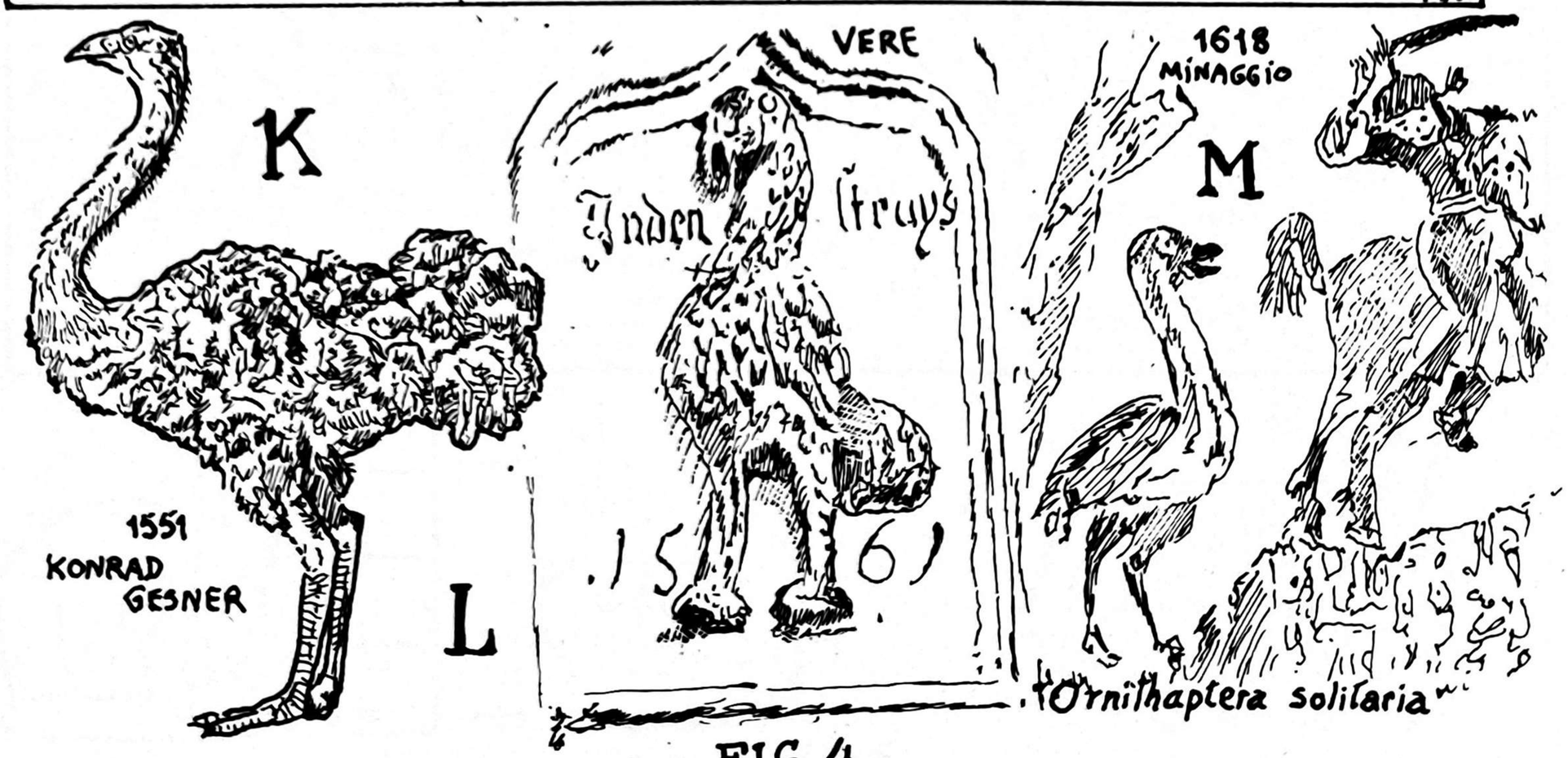
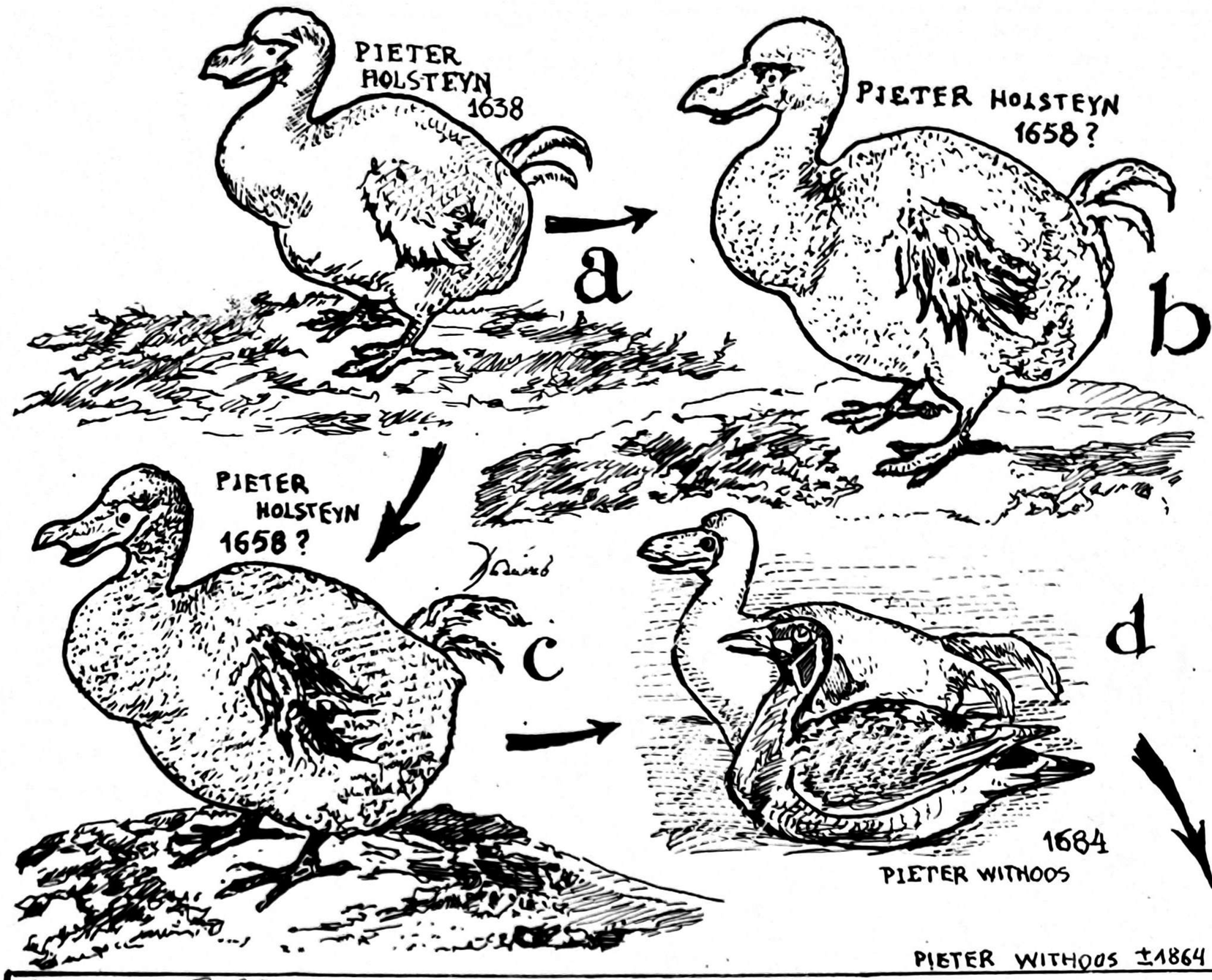
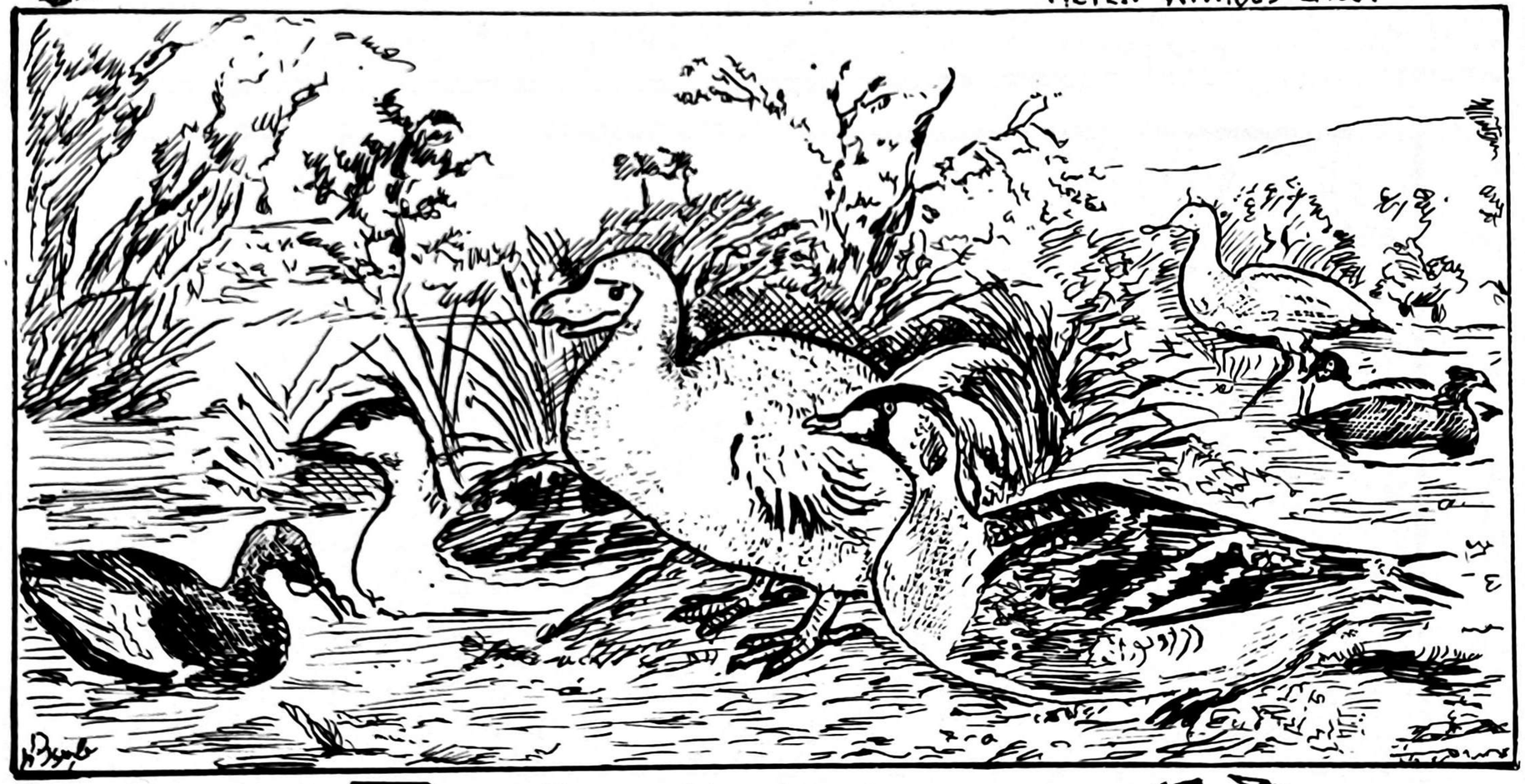

K
1551
KONRAD
GESNER
L
VERE
Linden Struys
1596
1618
MINAGGIO
M
"Ornithaptera solitaria"

FIG.4


PIETER HOLSTEYN 1638
a
PIETER HOLSTEYN 1658?
b
PIETER HOLSTEYN 1658?
c
d
1684
PIETER WITHOOS
e
PIETER WITHOOS ±1864



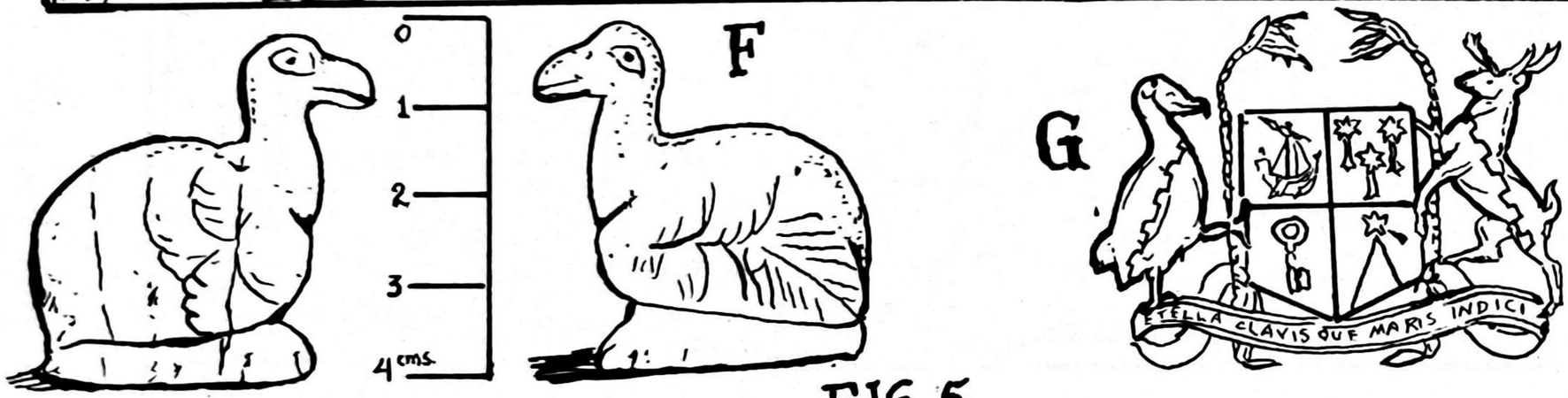

0
1
2
3
4 cms.
F
G
ETELLA CLAVIS QUE MARIS INDICI

FIG. 5

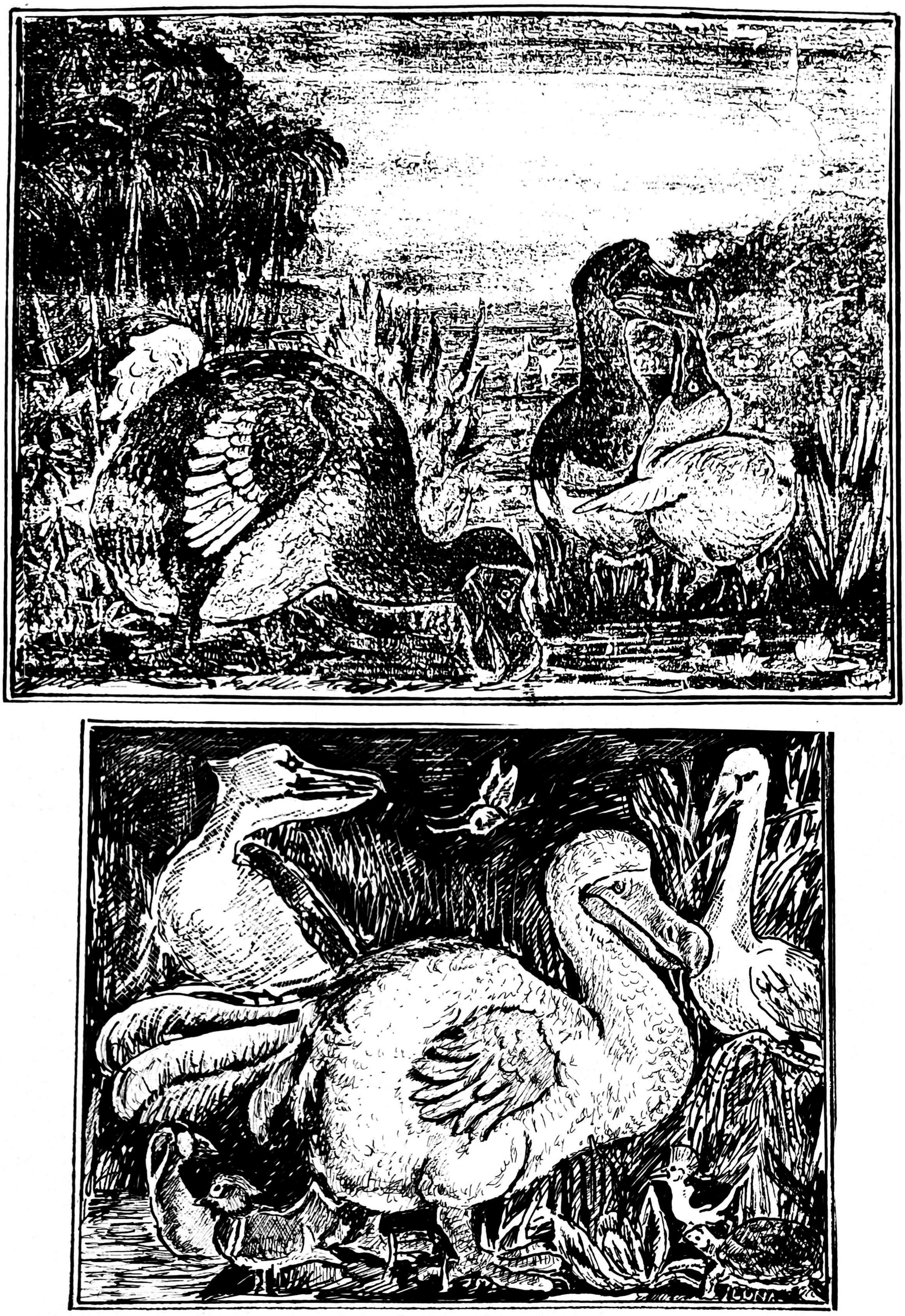


FIG. 6

Composto e impresso em
SILVAS - C. T. G., crl
Rua D. Pedro V, 118-126
Tel. 32 31 21 - 1200 Lisboa